

Chico Rei



CRÉDITOS

Autoria
Priscila Martins

Ilustração:
Priscila Machado
Roselly Camila Silva

Projeto Gráfico:
Márcio Pial
Líllian Pacheco
Priscila Martins

Produção e Revisão
Líllian Pacheco

Edição:
Escola de Formação em Pedagogia Griô
Lençóis Chapada Diamantina BA, 2022.

Era uma vez um menino que gostava de brincar de fazer as letras na areia. Ele era conhecido por Joãozinho do Congo.





Ele recebeu esse nome em homenagem aos seus antepassados.

A família de João era de reis e rainhas que viviam no Congo, um país da África.



An illustration of a man with a goatee, wearing a white shirt and a brown vest, standing on the deck of a wooden ship. He is holding a sword. Above him is a large white banner with black text. The background shows a blue sea and a blue sky with white clouds. The ship's deck is made of brown wooden planks.

**Seus ancestrais foram
escravizados à força para vir
para o Brasil nos anos 1600.**



Na mesma época em que a princesa guerreira Aqualtune liderou exércitos contra os portugueses.

An illustration of a diverse group of seven people of African descent. On the left, a young man with a wide smile and a woman with a neutral expression stand together. In the center, an older woman with curly grey hair and a green dress stands next to a young girl with dark hair. To the right, a young woman with a smile, a young man with a neutral expression, and another young man with a neutral expression stand in a row. The background is a warm, orange-brown color with a subtle circular pattern at the top.

O sofrimento foi grande por séculos, mas por serem além de reis e rainhas, guerreiras e guerreiros, venceram o tempo de escravização, se juntaram a outros povos da África e nativos indígenas e criaram uma linda família aqui no Brasil.

“Tava durumindo, Cangoma me chamou.

Disse: levanta povo, cativoiro se acabou!”

- Se acabou ou se reinventou?, cantava e falava Dona Dete, mãe do Quilombo, que sempre contava a história de Aqualtune nas rodas da comunidade.



Eram primos, primas, incontáveis irmãos, até mesmo aqueles que não vieram da barriga da mãe de João, viviam juntos, um ajudando o outro a crescer em famílias e comunidades que chamaram de quilombos.



O avô de João se chamava Francisco, apelidado de Chico Boiadeiro.

Ele corria mata adentro amansando boi bravo ou tangendo a boiada de um lado para o outro do rio.





No quilombo, Chico Boiadeiro era um herói. Não existiam muitos boiadeiros nas redondezas e Chico era como um líder na comunidade.



Chico Boiadeiro vestia seu gibão de couro, calçava suas galochas, pegava seu laço e seu facão para cortar a mata fechada, colocava seu chapéu de lado e gritava seu aboio:

- Êê boi, cheguei pra amansar o tempo, mas o tempo foi que me amansou êêêê boi.



Ah! Era um alvoroço danado quando ele saía galopando em seu cavalo disparado em direção à caatinga, mais rápido do que seu pensamento, para amansar boi bravo.



Mas Chico Boiadeiro tinha um sonho, um sonho de menino que nunca deixou de ser sonho, que fazia de Chico o homem mais menino do quilombo. Ele queria ser rei, igual seus antepassados lá da África.

**Seu neto Joãozinho do Congo
achava engraçado:**

**- Vô Chico Boiadeiro, rei? Ha Há Há!
Onde já se viu, rei de quilombo?**

**- E onde já se viu fazer
"arrilia" do próprio avô?
Te respeita menino!!**





A comunidade de Joãozinho do Congo e seu avô Chico Boiadeiro estava num período de seca muito sofrida. Não chovia fazia quase um ano e todos começaram a sentir falta d'água. Os grãos e a farinha guardados estavam acabando. Não dava mais para plantar nas hortas, roças e quintais. Beber água e tomar banho, hiiii! Virou luxo! O rio virou riacho e poça. Estava tudo seco.

Um dia, Chico Boiadeiro, preocupado com a situação, vestiu sua roupa de trabalho: seu gibão de couro, galocha, facão e chapéu. Saiu em disparada, dessa vez sem correr atrás de boi bravo.

- Ê ê boi, eu vou no meu pé de vento saber onde o vento foi êêêê boi.



Ele queria encontrar uma solução para a seca que estava maltratando sua comunidade.

Em seu cavalo, galopando mais veloz que o seu pensamento, Chico correu em meio ao rio seco sem saber onde iria parar.



De repente, no meio da terra seca entre os emaranhados de galhos sem folhas, ele parou em frente a uma enorme, larga, alta e estranha árvore! No meio de tanta secura, uma árvore com tanta fartura de tamanho!





Chico Boiadeiro não sabia dizer como aquela árvore foi parar ali. Pensou até que fosse alucinação de tanto sol que tomou na moleira.

Pois num rompante saiu detrás da árvore um homem negro como a noite, muito alto, vestido como um guerreiro africano, carregando uma cabaça. Esse homem se aproximou de Chico com passos firmes e disse:





- Sou o protetor desta floresta, das matas e de toda a natureza. Não deixo as pessoas fazerem mal à terra, nem a terra fazer mal às pessoas. Sua vontade de ajudar seus irmãos e irmãs do quilombo fez você chegar até aqui e como recompensa vou te presentear com esta cabaça cheia de água.

- Mas você precisa me prometer que não vai deixar ninguém saber desta árvore, nem mesmo passar pelo mesmo caminho que você passou.



**Chico Boiadeiro, intrigado,
pegou a cabaça e falou:
- O que é que eu vou fazer
com esse punhado de água?
Minha comunidade é
grande, não posso matar a
sede de todos com esse
bocadinho de água!**

O Guardião das Matas respondeu:
- Essas são as águas da vida que Odudua guarda no Baobá. Siga seu coração e a missão que lhe dei. Você saberá o que fazer para levar água para sua comunidade.

E falando isto, sumiu por detrás da árvore, tão rápido quanto apareceu.





Nisso Chico Boiadeiro já estava sentado na beiradinha do rio seco, coçando a cabeça e pensando como iria fazer para dividir essa tal “água de Ododua”

- Êê boi, de onde nasceu as águas que a seca me alevou êêêêêê boi.

Ao voltar para casa, cabisbaixo sem poder contar o ocorrido, Chico Boiadeiro encontrou seu neto Joãozinho e lhe perguntou se conhecia uma árvore chamada Baobá.



Joãozinho disse:

- **Vô, aprendi na escola que Baobá é uma árvore do continente africano, que é muito grande e guarda água em seu tronco.**

Pronto! Estava explicado! A água da cabaça tinha saído daquela árvore enorme que surgiu na nascente seca do rio.



Chico Boiadeiro vestiu seu gibão de couro, calçou suas galochas, pegou seu laço e seu facão para cortar a mata fechada e colocou seu chapéu de lado. Mas antes de partir, procurou a grande mãe do quilombo, Dona Dete, para lhe pedir a benção e ela lhe disse:

- Aceite sua missão sem nunca esquecer de onde você veio: do ventre de uma mulher.

Ele galopou mais rápido que o seu pensamento até chegar na árvore gigante.

Ao chegar em frente à grande árvore Baobá, Chico lembrou as palavras de sua mais velha e entendeu que:

- A vida nasce do ventre de uma mulher.

O Guardiã das Matas havia pedido ao útero do rio para proteger no seu interior a água que poderia nutrir a comunidade antes da seca.





Chico pediu permissão e pegou o seu facão para furar com cuidado o tronco do Baobá!

Foi uma enxurrada de água enchendo o rio novamente e formando nuvens e chuvas que seguiram em direção ao quilombo.



Chico Boiadeiro voltou feliz pela beira do rio cheio, em meio a raios, trovões e pingos de chuva.



- Êê boi, cheguei pra
fazer foguedo
a água pra nós voltou
êêêêêêêê boi.



Chico entendeu que a natureza em seu sossego longe das pessoas, pode renascer. Desde esse dia, Chico passou a ser o Rei Guardião dos caminhos até a nascente do rio. Sua missão era proteger as grandes árvores guardiãs das águas do rio.

Quando chegou no quilombo, a comunidade estava em festa, esperando o herói que molhou de felicidade a terra seca.



De manhã, Joãozinho do Congo chamou a grande mãe dona Dete, que chegou com uma coroa em suas mãos para nomear Chico Boiadeiro, Rei Guardião dos caminhos das águas.



A colorful illustration of a diverse group of people of various ages and ethnicities. In the top right corner, there is a bright yellow sun. The background is a solid light blue color. The text is centered in the upper half of the page.

**E como primeiro decreto Chico
Rei disse que todos nunca
deixassem de sonhar, pois
quando tudo parecer que está
seco e sem vida, sempre haverá
água dentro de um Baobá!**



- Êê boi, sou rei.
Onde nasce o rio da vida
sou protetor, êêêêê boi".

GLOSSÁRIO

Aqualtune – Personagem semi-lendária da história do Quilombo dos Palmares. Teria nascido no reino do Congo, de linhagem real, e liderado uma parte dos guerreiros na Batalha de Mbwila (Ambuíla) (1665), o que resultou em sua escravização e deslocamento para a América Portuguesa, no atual Nordeste brasileiro. É lembrada como uma rainha guerreira, avó de Zumbi dos Palmares.

Arrilia – Perturbar uma pessoa, provocando excessivamente, causando uma sensação de incômodo.

Baobá – O Baobá é a árvore com o tronco mais grosso do mundo! Seu caule oco chega a medir mais de 20 metros de diâmetro e pode armazenar até 120 mil litros de água.

Congo: do topônimo Kongo, que deriva do nome do rio africano que passa pelas regiões da República Democrática do Congo (antes chamada de Zaire) e República do Congo, países da África Central, membros da família linguística níger-cordofaniana.

Gibão de couro – Peça de roupa típica da indumentaria do vaqueiro nordestino utilizada para proteger-se quando se encontra em corrida nas matas.

Ododua - segundo a tradição dos povos iorubás, é o orixá da criação, criador da terra.

Quilombo – Nome dado aos espaços e as comunidades criadas por populações que se formaram a partir de situações de resistência territorial, social e cultural no Brasil.

Tanger – Tocar gado ou animal de carga direcionando-os de um ponto a outro.
Tangendo a boiada; **Tanger** o jumento.

REFERÊNCIAS

AQUALTUNE (séculos-XVI-XVII). Biografia de mulheres africanas. Porto Alegre: ILEA-UFRGS, [202-?]. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/aqualtune-seculos-xvi-xvii/>. Acesso em: 12 ago. 2022.

BAOBÁ Você sabe o que é? Conheça esta impressionante árvore africana. Redação Pensamento Verde, 2014. Disponível em: <https://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/voce-sabe-o-que-e-baoba-conheca-esta-impressionante-arvore-africana/> Acesso em 12 ago. 2022.

MUNANGA Kabengele. Origens africanas contemporâneas: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Trecho da cantiga tradicional, gravada por Clementina de Jesus em 1966.



Realização:
Escola de Formação em Pedagogia Griô
Lílian Pacheco

Financiamento:
Instituto Neoenergia, por meio da Neoenergia Coelba e Governo do Estado,
através do Fazcultura, Secretaria de Cultura e Secretaria da Fazenda

Parceria:
Associação Grãos de Luz e Griô
e Terre des Homme Suisse

INICIATIVA:

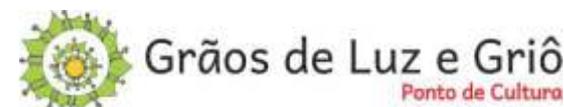


PATROCÍNIO:



SECRETARIA DE CULTURA | SECRETARIA DA FAZENDA

PARCERIA:





REDES SOCIAIS

TOQUE NOS ICONES

PARA INTERAGIR



@pedagogiagriô



75 992153581



Pedagogia Griô



75 991716974



Biblioteca Pedagogia Griô



Pedagogia Griô



Site Pedagogia Griô



pedagogiagriô@gmail.com



Audio Descrição e Libras